



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9284 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT24 - Educação e Arte

A BUSCA POR UM ENSINO DE DANÇA TRANSGRESSOR: UM DIÁLOGO ENTRE ISABEL MARQUES E BELL HOOKS

Alexsander Barbozza da Silva - UFBA - Universidade Federal da Bahia

A BUSCA POR UM ENSINO DE DANÇA TRANSGRESSOR: UM DIÁLOGO ENTRE ISABEL MARQUES E BELL HOOKS

Resumo

Este estudo dançante/educativo busca friccionar os estudos de Isabel Marques (1997, 1999, 2010) com os escritos de bell hook (2017, 2020a, 2020b), para que assim possamos vislumbrar as possibilidades de um Ensino de Dança transgressor. Para tanto, este trabalho foi organizado em duas sequências de movimentos educativos intitulados como: (1) Isabel Marques e suas propostas de Ensino de Dança Interacionistas, e (2) O início de uma investigação transgressora nos processos de ensino/aprendizagem em Dança. Dessa maneira, identificamos que os estudos de Marques nos indicam caminhos profícuos para pensarmos em um Ensino de Dança transgressor, que se propõe em romper com as narrativas de violências sociais na educação e na Dança.

Palavras-chave: Ensino de Dança Interacionista; Isabel Marques; bell hooks; Transgressor. Introdução.

A título de Introdução: E vamos lá pessoal? E sete... E oito!

[...] ensinar não é *transferir conhecimento*,
mas criar a possibilidade para sua
produção ou a sua construção"
(FREIRE, 2020, p. 24).

Optamos em iniciar este texto com os pensamentos de Freire (2020), visto que, por meio deles conseguimos refletir de forma crítica acerca da educação e de seus processos. Desta maneira, acreditamos que para os dias atuais o ato de ensinar precisa oportunizar as diferentes realidades e narrativas, viabilizando desta forma a compreensão das múltiplas dimensões da construção dos conhecimentos.

Através dos processos históricos identificamos que o ato de ensinar foi majoritariamente construído por um discurso dominante baseado na branquitude, heteronormatividade, patriarcado, cisgeneridade, capacitismo e da elite econômica. Nesta direção, as condições possíveis para a produção de conhecimento deixam de ser plurais, porque contemplam uma única perspectiva na elaboração do saber. Logo, evidencia-se a problemática de um ensino concebido apenas a partir da realidade de alguns grupos sociais, em detrimento de outros.

A vista disso, nosso intuito com esse ensaio é delinear nossas reflexões na busca por um Ensino de Dança transgressor, que propicie as múltiplas narrativas dos indivíduos que são corpo. Além disso, identificando como as normas são estruturadas nos corpos e como por meio delas as estratégias de dominação se

efetivam e impactam nossas formas de mover no mundo, compreendendo movimento como percepção e ação. Para que, a partir daí, possamos avançar em processos dançantes/educativos que promovam práticas de transgressão no/do corpo, da/na Dança e da/na educação.

Desse modo, acreditamos que o diálogo entre as proposições das docentes Isabel Marques e bell hooks pode nos indicar caminhos profícuos, mapeando processos de ensino-aprendizagem que fomentam as diversas formas de construir conhecimento em Dança.

Sendo assim, este estudo dançante encontra-se organizado em duas (02) sequências de movimentos educativos que foram intitulados como: (1) Isabel Marques e suas propostas de Ensino de Dança Interacionistas e (2) O início de uma investigação transgressora nos processos de ensino-aprendizagem em Dança. Finalizando com considerações capazes de se realizar com a efetivação deste trabalho.

I Sequência de Movimento Educativo: Isabel Marques e suas propostas de Ensino de Dança Interacionistas.

Conforme Adriana Gehres (2008), os processos de ensino-aprendizagem em Dança estão assentados em três correntes filosóficas, são elas: RacionalismoObjetivista, Empirismo-Subjetivismo e Interacionismo. Para a referida autora, os pressupostos defendidos pela artista-docente Isabel Marques vinculam-se às correntes interacionistas, propondo um rompimento com os ideais modernistas racionalistas e empiristas no Ensino de Dança.

Nesta perspectiva, Souza (2010) nos informa que a construção dessa linha de pensamento se deu a partir da incorporação dos pressupostos da Dança e seu ensino, com os elementos propostos pelos estudos pós-modernos: o fim das metanarrativas, oposição ao universalismo, a valorização da diferença cultural e a denúncia das microfísicas do poder.

Acreditamos que as proposições de Marques foram de extrema importância para ampliação do ensino de Dança na atualidade. De modo que ultrapassou a concepção empirista, a qual tinha como cerne a contribuição da linguagem para construção da personalidade do sujeito. Neste sentido Marques (1999) nos aponta que:

Assim, a educação *através* da dança estaria assumindo outro sentido no mundo de hoje: não mais centrada no aluno e suas *experiências* pessoais de emoção e expressão, como sugeria Laban, mas *centrada na sociedade* e nas relações que podem se estabelecer entre ela, o aluno e a dança (p. 76).

Conforme ideias e concepções filosóficas mudam, as formas de se ensinar-aprender a Dança também se transformam. Nesta conjuntura, as abordagens do ensino desta linguagem artística têm como foco evidenciar como a Dança pode contribuir para formação de sujeitos sociais (MARQUES, 1997). Sem dúvida, a Dança é um conhecimento social, no entanto, a questão que discutimos aqui é de que forma o ensino da Dança pode possibilitar uma formação sócio crítica de

enfrentamento às históricas violências sociais.

Os primeiros estudos de Marques se detiveram em relacionar as contribuições de Rudolf Laban (1879-1958) e Paulo Freire (1921-1997). No seu doutoramento, a autora elabora a proposta intitulada **Textos e Contextos da Dança**, organizada em: *Textos da Dança* (improvisação, composição e repertórios); *Subtextos da Dança* (elementos estruturais da dança - coreologia, elementos sócio-afetivo-culturais) e *Contextos da Dança* (história, música, cinesiologia, antropologia, anatomia, estética, crítica etc.). O ponto de encontro destes, segundo a autora, seria o contexto do estudante (MARQUES, 1999).

Ao ser interpelada pela professora Ana Mae Barbosa, Marques amplia suas propostas e cria o **Caleidoscópio do Ensino de Dança**, formado pelos tripés: *Arte/Dança* (fazer, ler, contextualizar) *Ensino* (Eu, Outro e o Meio) e *Sociedade* (Percebida, Vivida e Imaginada). A reflexão aprofundada acerca dessa proposta é abordada no livro *Linguagens da Dança: Arte e Ensino* (2010). Convém salientar que o primeiro tripé se constitui de uma fricção da **Abordagem Triangular** com os Textos e Contextos da Dança.

Destacamos que a proposição de Marques não se encontra atrelada a escolha específica de um gênero, técnica e/ou estética, e sim na forma como são desenvolvidos os processos de ensino-aprendizagem em Dança. Deste modo, acreditamos que tais indicações nos possibilitam vislumbrar a construção de um Ensino de Dança transgressor.

A seguir, aprofundaremos a discussão acerca da concepção de transgressão.

II Sequência de Movimento Educativo: O início de uma investigação transgressora nos processos de ensino-aprendizagem em Dança.

Como citamos anteriormente, nesta sequência iremos construir um diálogo entre a professora brasileira Isabel Marques (1997, 1999, 2010) e a teórica feminista afroamericana bell hooks (2017, 2020a, 2020b), propondo uma aproximação que rompe com distâncias geográficas.

De antemão, é importante destacarmos que um dos pontos de encontro entre os estudos de Marques e hooks é o fato de que ambas se apresentam inundadas pelos pensamentos de Freire. Contudo, a última avança em relação às contribuições do autor no que diz respeito às opressões de classe a partir de uma perspectiva teórica do feminismo negro, propondo deste modo uma educação contemporânea que aborde também as narrativas de raça, gênero, sexualidade e das pessoas com deficiência. Essas reflexões estruturam a concepção de feminismo que hooks defende no livro *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*(2020a).

Na obra *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade* (2017) a autora nos aponta, com base em sua experiência, a viabilidade e potencialidade de uma educação transgressora. Todavia, o que nos chama atenção é que, mesmo reconhecendo os limites de pensamentos conservadores identificados nos processos

educativos, a autora acredita que por meio deles também podemos construir uma educação que rompa com hegemonia branca, patriarcal, cisgênera, heteronormativa, capacitista e elitista. Isto é, a transgressão se inicia dentro da própria estrutura (hook, 2020b).

Ao nos debruçarmos nos escritos citados acima, começamos a pensar quais caminhos precisamos trilhar para vislumbrarmos um ensino de Dança transgressor. Inspirados pelas ideias da feminista negra, chegamos às seguintes questões: Como propor processos de ensino-aprendizagem em Dança que permitam a formação de indivíduos politizados, éticos e que se posicionem de forma transgressora aos episódios de violência sociais? Como mediar processos de ensino-aprendizagem em Dança que fomentam práticas de liberdade? Como transgredir os processos de branqueamento, heteronormatividade, cisgêneridade, capacitismo e elitismo presentes no ensino de Dança?

Evidentemente, não temos as respostas para todas essas perguntas, mas ao passo que refletimos, conseguimos perceber que para se estruturar um ensino de Dança transgressor é necessário mover estes questionamentos. Para avançarmos nessa direção precisamos de uma profunda autoavaliação em relação aos processos pedagógicos em Dança que temos desenvolvido. De fato, não é possível separar nossa concepção de mundo das nossas ações, o que pode ser verificado na valorização de determinadas formas de dança em detrimento de outras; na linguagem historicamente constituída de preconceitos de raça e classe; no modo como organizamos o espaço da sala de aula (a exemplo de filas baseadas em uma concepção de gênero binária homem/mulher ou em critérios de natureza capacitista); nas concepções coreográficas e imaginários cisgêneros que continuam sendo reproduzidos nos dias atuais. O escrito *Dança, sexo e gênero: signos de identidade, dominação, desafio e desejo* (HANNA, 1999) nos ajuda a refletir a respeito destas e outras questões.

Os exemplos citados anteriormente são apenas uma tentativa de evidenciar na prática o que estamos tentando transgredir. As contribuições de Marques foram de extrema importância para o avanço dos processos de ensino-aprendizagem em Dança. De fato, ela nos direcionou a caminhos sem volta, trilhos que cobram da Dança e seu ensino uma responsabilidade ética com o mundo em que vivemos, o que fica evidente quando ela propõe práticas dançante/educativas a partir do contexto dos estudantes. Parece-nos que, neste momento, estamos diante de uma convocação para a radicalização desta consciência no que diz respeito aos contextos políticos sociais dos estudantes, construídos historicamente em nosso país. Por isso, argumentamos em direção a um ensino de Dança transgressor que promova transformações mais profundas na sociedade.

Considerações Finais

Com a efetivação deste estudo, conseguimos perceber que os norteamentos de

Marques já nos indicam possibilidades de vislumbrarmos um processo de ensino-aprendizagem em Dança transgressor, que se coloca como um conhecimento importante na construção de sujeitos sociais em diálogo com o mundo. Corpos que ocupam espaços e apresentam narrativas profícuas para construção das múltiplas formas de existir construindo conhecimento em Dança. Esses apontamentos ficam visíveis quando os aproximamos dos estudos revolucionários de hooks, que de forma poética e extremamente crítica nos leva a entender a necessidade de uma educação transgressora hoje. O interessante é que, ao nosso ver, hook não propõe uma ideia restrita de inclusão, mas a possibilidade de transformação de dentro pra fora, transgredindo assim discursos impostos.

Dessa maneira, o caminho da busca por um ensino de Dança transgressor parece começar por um processo profundo de autoavaliação que permita identificar as normatividades e violências sociais reproduzidas no próprio processo de ensino-aprendizagem desta linguagem artística. Para que, a partir deste reconhecimento, possamos cultivar práticas de liberdade do/no corpo.

Referências Bibliográficas

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 66 ed - Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- HANNA, Judith Lynne. **Dança, sexo e gênero: signos de identidade, dominação, desafio e desejo**. Trad. Mauro Gama. Editora Rocco: Rio de Janeiro, 1999.
- hooks, bell. **Ensinando a Transgredir: A educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. - 2.ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- hooks, bell. **O Feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Trad. Bhuvi Libanio. - 13 ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020a.
- hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. Trad. Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020b.
- GEHRES, Adriana F. **Corpo-Dança-Educação: na contemporaneidade ou da construção de corpos fractais**. Instituto Piaget: Lisboa, 2008.
- MARQUES, Isabel. **Dançando na Escola**. Revista Motriz: São Paulo. vol 3. n.1, 1997.
- MARQUES, Isabel. **Ensino de Dança hoje: textos e contextos**. Cortez: São Paulo, 1999.
- MARQUES, Isabel. **Linguagens da Dança: Arte e Ensino**. Editora: Digitexto - São Paulo, 2010.
- SOUZA, Ana Paula A. de. **Corpos que dançam dentro e fora da escola: discursos pela interculturalidade na dança no ensino**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (CE/UFPE), 2010.